



## **GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul**

### **Coordenador(es):**

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

### **Navegando Sul-Sul com uma Bússola Ponderada Norte: Os desafios epistemológicos e práticos da nova monografia de Angola, Brasil e África do Sul.**

**Autoria:** Jess Auerbach (North West University)

Este artigo baseia-se em pesquisas realizadas enquanto estudante de doutorado da África do Sul em Stanford com bolsa sanduiche reversa no Brasil. Explora o processo de formulação de um projeto de pesquisa baseado no diálogo Sul-Sul, neste caso uma análise da migração de curto prazo de Angola para o Brasil para estudos universitários. O work realizado foi baseado em um profundo compromisso intelectual com os diálogos no Sul, mas foi finalmente publicado como um livro pela imprimadora de Norte, com um público do norte. Nenhum editor aceitaria o livro na África do Sul, por causa dos interesses limitados dos leitores sul-africanos que DEVEM se envolver no norte e, portanto, têm pouca capacidade de leitura profunda de obras em português ou em tradução. Essa experiência coloca questões profundas em relação à produção acadêmica. Como a teoria, o diálogo e o intercâmbio Sul-Sul podem prosperar em contextos de vieses referenciais do Norte que também incluem contribuições financeiras e promocionais? Como abordamos a ?ponderação do norte? das bússolas que usamos para orientar nossa pesquisa e ensino, especialmente em contextos nos quais o inglês é designado como a linguagem do pensamento dominante? Como comunicamos os insights de outros espaços do sul de uma maneira que não exótico ou perpetua estereótipos desiguais, mas simplesmente se envolve através do discurso acadêmico em estruturas sistêmicas acadêmicas muito diferentes? Este artigo baseia-se no meu livro *Da Água ao Vinho: Tornando-se Classe Média em Angola* (University of Toronto Press, 2020) para começar a responder a essas perguntas.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: